

RESUMO

Natal, nos fins de século XIX e início do século XX, foi rica em manifestações musicais. Composições criadas para poemas originaram românticas modinhas, cantadas em saraus e serenatas. Longo é o número de compositores e obras para bandas de música, bem como os pianistas e “pianeiros”. Composições para piano, eram copiadas manualmente e numerosas foram impressas em editoras especializadas. Considerando a passagem do tempo e as mudanças dos gostos musicais, seus nomes e obras caíram no esquecimento. A série de CDs COMPOSITORES POTIGUARES tem como intérprete a pianista Luiza Maria Dantas e as partituras são do acervo de Claudio Galvão.

Palavras-chave: Música no Rio Grande do Norte. Compositores Potiguares. Pianistas Natalenses.

POTIGUAR COMPOSERS

ABSTRACT

Natal, in the end of the 19th and beginning of the 20th century, was rich about musical manifestations. Compositions created as poems became romantic popular songs, sung on saraus and serenades. The number of composers, musical pieces, piano players and “amateur piano players” was great. Compositions for pianos were manually copied and others printed in specialized presses. Considering time goes by, and with it comes the changes in musical taste, their names and pieces were forgotten. The series “CDs COMPOSITORES POTIGUARES” has Luiza Maria Dantas as the pianist and scores from Cláudio Galvão’s collection.

Keywords: Rio Grande do Norte’s Music. Potiguar Composers. Natalense Pianists.

¹ Historiador. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN. E-mail: capgalvao@oi.com.br

A edição auspiciosamente patrocinada pela Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte (FARN) de dois CDs com solos de piano por Luiza Maria Dantas, enseja algumas considerações sobre os COMPOSITORES POTIGUARES (I- 2002; e II-2006) – este é o título dos discos – alvos da série de gravações que poderá se estender por mais algumas vezes. O projeto procura focar especialmente nomes distantes no tempo e, por esta razão, esquecidos ou ameaçados pelo silêncio total que eles decerto detestariam. A época em foco é o fim do século XIX e inícios do XX, mais precisamente até 1930, fase que se tem convencionado intitular de *belle époque* potiguar.

Compositor é aquele que cria músicas para viabilizar um objetivo meramente artístico ou econômico através da publicação de uma partitura e/ou uma gravação sonora, com ou sem objetivos comerciais. Passados mais de cem anos as condições sociais e econômicas eram diferentes e diferentes se mostravam os objetivos e o comportamento dos musicistas que nem mesmo com o título de compositores eram conhecidos.

Dois instrumentos musicais preenchiam a predileção popular naqueles tempos: o piano e o violão. O piano era mais familiar e, pelo seu custo, mais aristocrático: era o preferido das famílias que tinham maiores possibilidades econômicas. Esta fase recuada no tempo indica a inexistência de rádio e gravações musicais. A música teria que ser produzida ao vivo e, assim, quem tocava um instrumento gozava de prestígio especial. Era comum proporcionar-se educação musical aos filhos formando-se orquestras familiares onde, ao piano solista e acompanhador, juntavam-se violino, flauta e bandolim. Não pode ser ignorada a vantagem que tinha uma moça casadoira se, entre outras qualidades, soubesse tocar um instrumento para o deleite do senhor seu marido...

Violino, flauta e bandolim, sendo instrumentos solistas, exigiam a presença do piano (ou violão) para os necessários acompanhamentos. Eram, por isso, menos procurados. Confirma isto a frequência dos anúncios de professores de piano nos jornais antigos e a praticamente inexistência para outros instrumentos. Por isso, os primeiros compositores de Natal foram pianistas, escreveram e publicaram para piano.

Música e Piano - O abaixo assinado, tendo resolvido abrir um curso de música e piano (rudimento) vem, pela imprensa, fazer pública esta resolução, devendo os que quiserem se utilizar de seus serviços, se dirigirem por carta ao mesmo abaixo assinado em Papary.² (SAMPAIO, 1891)

² Papary era o nome da atual cidade de Nísia Floresta-RN

Estudava-se piano para tocar autores eruditos ou os populares que publicavam suas composições. Eram considerados pianistas. Havia também aqueles que não tiveram paciência para os longos e cansativos estudos pianísticos e, aproveitando o talento que lhes era nato, passaram a tocar “de ouvido”. Eram os chamados “pianeiros”, como Câmara Cascudo em muitas oportunidades manifestou assim ser. Muitos desses pianeiros eram compositores, mas suas músicas muito raramente se encontram nos programas de recitais publicados pelos jornais da cidade.

Não se pode deixar de considerar a presença do violão neste meio musical ainda incipiente. O problema é que o violão, por ser mais barato, mais facilmente adquirível e pela sua portabilidade, era o preferido para as serenatas e boemia de que Natal foi sempre muito rica. Assim, quem tocava violão era inevitavelmente associado a boêmio, farrista, “perdido”, “pândego”, como se dizia na época. Sabe-se, entretanto, que muitas senhoritas tocavam, ou melhor, acompanhavam-se ao violão em festas e tertúlias familiares. O perigo estava quando o violão enchia as ruas desertas, iluminadas apenas pela lua ou por ineficientes lâmpadas...

O violão solista não havia ainda ascendido à posição atual de instrumento erudito, dotado como hoje se verifica, de vasto repertório de músicas transcritas de outros instrumentos ou especialmente compostas para ele. Não há notícia da publicação no Estado de músicas para violão solista. O repertório dos compositores de canções – as modinhas, como eram conhecidas – foi, entretanto, notável na cidade de Natal, como adiante se comentará.

Não se pode deixar de considerar, igualmente, a ação do compositor de músicas para bandas de música. Eram em geral militares e escreviam valsas, marchas e dobrados para sua corporação. Eram tocadas em datas militares, desfiles e, principalmente, nas retretas em praça pública, hábito tão característico que o tempo acabou. Não consta que tenha sido impresso nenhum desses trabalhos. É bem expressivo o número dessas composições em cópias manuscritas guardadas nos arquivos das bandas de música do interior do Estado e, especialmente, no arquivo da banda da Polícia Militar, em Natal.

Publicar-se uma partitura era semelhante ao ato de gravar um disco atualmente. Em geral eram vendidas em livrarias e a mais importante delas era a Livraria Cosmopolita, cujo prédio ainda ostenta o seu nome na velha Rua Dr. Barata, na Ribeira. Os jornais noticiavam e os músicos compravam para tocarem em casa, ou nas sessões dos velhos cinemas mudos.

O inteligente professor de música TONHECA DANTAS teve a gentileza de oferecer-nos um exemplar de sua inspirada valsa Roial Cinema, impressa na Casa

Bevilacqua e Cia. do Rio de Janeiro. A magnífica composição acha-se à venda na Livraria Cosmopolita do Sr. Fortunato Aranha a 2\$000 o exemplar. (A REPÚBLICA, 1913).

O curioso hábito de oferecer um exemplar de uma partitura (hoje se oferece um CD...) à redação de um jornal para obter divulgação já era usado antes e o foi por um dos nossos principais compositores, em seus começos de carreira: "Waldemar de Almeida, cursando o Instituto Nacional de Música, compôs valsa 'Flor de Belém' - Ofereceu um exemplar à redação de A República." (A REPÚBLICA, 1921).

Muitas mulheres também publicaram composições. Existem muitas partituras de autores femininas, mas apenas copiadas a mão. A primeira compositora a publicar foi a pianista Dolores Albuquerque.

A prendada senhorinha Dolores Albuquerque, *dilecta* filha do Dr. Francisco de Albuquerque, presenteou-nos mui gentilmente com um exemplar de "Prece". "Prece" é o suave título da primeira composição musical da senhorinha Dolores.

A jovem compositora já era nome mui festejado nos altos círculos musicas do nosso Estado. Fizera-se ídolo do grande público de Natal a fluência, a propriedade, o talento de sua arte interpretativa dos clássicos. A virtuose do piano que sempre exercera o prestígio do encantamento sobre os apreciadores da boa música, aparece-nos agora em "Prece", de emotivo enredo relevando a sua capacidade criadora.³ (A REPÚBLICA, 1925).

Por mais prestígio que a arte de tocar e compor conferisse aos seus detentores, não se firmou na Natal da *belle époque* uma classe de musicistas profissionais, excetuando-se apenas a classe militar, evidentemente. O apoio dos poderes públicos não se mostrou eficiente e o ambiente sócio-econômico não proporcionava as condições necessárias para a profissionalização do compositor. Restava a tarefa nunca bem remunerada do ensino, principalmente o particular.

³ Ex-aluna da Escola Doméstica, seu nome era Maria das Dores de Albuquerque (1906-1996). Sua valsa "Prece" foi editada pela Casa Bevilacqua, do Rio de Janeiro, e está no CD COMPOSITORES POTIGUARES II.

O Governo do Estado, durante alguns períodos, estimulou o desenvolvimento da atividade musical na capital, unicamente. No interior a situação era mais difícil e praticamente tudo o que se fez em música se deveu à iniciativas particulares, que se mantinham apesar das indisposições políticas locais. Considere-se que o Estado possuía um recurso de amparo à literatura na da Lei n. 145, de 6 de agosto de 1900, que o autorizava a patrocinar a publicação de livros de autores locais. Tal medida não atingia a produção musical e bem que poderia ter sido uma providência estimuladora.

A primeira fase onde a música teve algum apoio foi o primeiro período do governo Alberto Maranhão (1900-1904). Em meados de 1903 iniciava-se a organização da orquestra que deveria pertencer ao Teatro Carlos Gomes, inaugurado no dia em que Alberto Maranhão passou o governo a Augusto Tavares de Lyra (24 de março de 1904). Composta por músicos da terra e reforçada por algumas importações, a orquestra não durou muito tempo e, nos seus programas publicados por jornais da época, não constam obras de compositores locais. Com a volta de Alberto Maranhão (1908-1914) novas ações beneficiaram a música da cidade, mas nada ajudou os compositores locais.

Um evento teatral teve sua parte musical toda composta na cidade: a revista "Natal em Camisa", texto literário de Segundo Wanderley, foi sucesso nas quatro encenações de agosto e setembro de 1907. As inúmeras músicas, nunca impressas e conhecidas (algumas) pela transmissão oral, foram compostas por José Bernardo Borrajo⁴, espanhol que aqui vivia.

O segundo período de governo de Alberto Maranhão iniciou-se com a criação de uma Schola de Musica, que funcionava nas dependências do Teatro Carlos Gomes. Além dos mais conceituados nomes da cidade, foram contratados musicistas nacionais e alguns estrangeiros. O nível dos recitais de que participavam era bastante elevado; a produção de composições de autor local continuou, entretanto, insignificante. A Escola de Música entrou em decadência ainda no governo de seu criador. Como pensar em ter muitos alunos se não havia mercado consumidor para esses profissionais? Em 1914, quando assumiu o Governador Joaquim Ferreira Chaves, a primeira medida foi suprimir a Escola de Música, como medida de economia para o governo que recebera endividado.

⁴ José Bernardo Borrajo (Pontevedra, Espanha, 1880 - Belém, Pará, 1938). Clarinetista; casou-se com a natalense Maria Marcolina Botelho, com quem teve dez filhos, todos nascidos em Natal, onde residiu entre 1903 e 1919.

Um exemplo definitivo para se compreender a importância do apoio financeiro para o desenvolvimento artístico (não só o musical!) são os acontecimentos de 1922, quando o País e o Estado comemoraram o centenário da Independência do Brasil. Governava o Dr. Antônio de Souza que, atendendo a sugestão da diretoria do Instituto Histórico e Geográfico do RN promoveu, entre outros eventos, um concurso que premiaria os compositores locais que musicassem poemas também de autores locais. Eram prêmios em dinheiro e a publicação da obra por uma editora no Rio de Janeiro. Para o criador da melodia destinada ao poema "De Natal ao Pará", de Ferreira Itajubá, foram vitoriosos Virgílio Carneiro (1º lugar) e José Sinésio Freire (2º lugar). A melodia para o poema "Olhos", de Segundo Wanderley, teve como vencedores Abdon Álvares Trigueiro (1º lugar) e José Sinésio Freire (2º lugar). A composição para o poema "Caminho do Sertão", de Auta de Souza teve como vencedor Abdon Álvares Trigueiro (1º lugar) e Eduardo Medeiros (2º lugar).⁵ As composições classificadas em 1º lugar receberam um prêmio de 500\$ (quinhentos mil réis) e as que tiveram o 2º lugar, 100\$ (cem mil réis). Tiveram ainda os primeiros lugares, suas partituras impressas por conta do governo, na Casa Bevilacqua do Rio de Janeiro.

As composições vencedoras foram apresentadas ao público em um grande evento intitulado "Dia das Letras e das Artes", realizado na noite de 7 de setembro de 1922, cantadas pelas senhoritas Bemvinda Santiago e Luiza Gomes, nomes que o tempo fez esquecer. O "grande concerto vocal e instrumental" teve a participação das Orquestras do Teatro e da Escola Doméstica, da banda do Batalhão de Segurança, e alunas da Escola Doméstica e Normal. Certamente foi este o evento que mais prestigiou o compositor potiguar naquela época.

Outros autores se inscreveram, mas não obtiveram classificação. O número de trabalhos escritos revela claramente que com incentivo financeiro é mais estimulante produzir. Compor uma música exige estudo e conhecimento anteriormente adquirido e necessita de trabalho para escrever. E, como músico e compositor também se veste, come...

A esta altura seria já conveniente comentar a produção de música seresteira na Natal dos fins anos 1800 e inícios de 1900. As pesquisas realizadas pelo autor para a redação do livro A MODINHA NORTE-RIO-GRANDENSE

⁵ As partituras destas canções estão incluídas em GALVÃO (2000). Teve outra versão, da autoria de Deolindo Lima, também incluída na obra citada.

levaram a confirmações inesperadas. Comparando-se o número de obras e seus respectivos compositores em outros Estados, concluiu-se que a produção de Natal foi muito maior que outros locais mais afamados, como é o caso de cidades do interior de Minas Gerais. O livro citado inclui as partituras de 361 canções recolhidas em Natal. Destas, 201 são de autor comprovadamente natalense e 144 de compositor não identificado. Foram ainda incluídas 11 canções de origem baiana e 5 canções do período de transição modinha/canção brasileira. Nenhuma cidade brasileira comprovou (até a data presente) uma produção que ultrapasse os presentes números.

Nestes números citados um destaque especial para os nossos mais prolíficos modinheiros: Olympio Baptista Filho aparece com 35 modinhas; Heronides de França com 23 (sendo 10 a ele atribuídas) e Eduardo Medeiros, com 20 dessas canções.

Um bom exemplo da popularidade dos compositores locais é o número de publicações sobre o tema. Destaca-se, entre elas, o "Cancioneiro Potiguar", publicada em 1912 por Trajano Ribeiro Dantas. Dele constam 35 poemas de autores potiguares que foram musicados também por músicos da cidade. Isto, no ano de 1912...

A partir dos fins dos anos 20 Natal teve vários cursos de música. O Curso Waldemar de Almeida, e Curso de Piano Maurilo Lira e, a partir de 1933, o Instituto de Música do RN. A falta de mercado consumidor de profissionais não possibilitou a multiplicação de compositores, quando muito ensejou um razoável número de bons amadores. Neste ponto a cronologia sugere não continuar, pois já são chegados os anos 30 e terminada a *belle époque*.

Voltando ao período alvo destes comentários, valeria a pena recordar os nomes de alguns poucos natalenses que se lançaram no meio musical fora do Estado. Uma modinha de autor local se tornou bastante popular no País: "O poeta e a fidalga", poema de Segundo Wanderley⁶ com música de Heronides de França.⁷ Consta das principais coletâneas de canções nacionais, algumas delas até sem referência aos autores. Curioso é registrar-se sua presença nas páginas do ABC DO FOLCLORE BRASILEIRO, de Rossini Tavares de Lima. Nela o seu título é "Bem sei mulher, bem conheço", que é o texto do primeiro verso de sua segunda estrofe, seus versos estão alterados e a

⁶ Segundo Wanderley (Natal, 1860-1909).

⁷ Heronides Álvares de França (Natal, 1860-Recife, 1926).

melodia registrada apresenta diferenças em relação à que se cantava em Natal. Mais curiosa é a informação: Procede de Jundiá, Estado de São Paulo, onde era cantada desde os inícios deste século e foi recolhida em 1947. É uma das raras modinhas de tom menor. (LIMA, 1958). Bem gratificante é saber que esta modinha norte-rio-grandense era já cantada nos inícios dos anos 1900 e em local tão distante de sua origem. É oportuno esclarecer que a melodia está estruturada em tom maior e não é uma das raras modinhas em tom menor, como diz o autor.

Ainda sobre a popularidade desta modinha "O poeta e a fidalga", tem-se o testemunho de Luís da Câmara Cascudo, em sua crônica "O poeta e a fidalga, de Segundo Wanderley." (CASCUDO, 1960). Entre muitos exemplos de sua popularidade, lembra tê-la ouvido cantar no Rio de Janeiro, 1919, pelo cantor "Baiano", muito conhecido à época. Fazia parte do repertório do renomado cantor "Cade-te." (VASCONCELOS, 1964, p. 131), e do não menos famoso Catullo da Paixão Cearense. Sobre este último, disse João do Rio: [...] o Sr. Catullo, último trovador do velho gênero, é o artista da trova popular. Vê-lo recitar 'O poeta e a Fidalga' é um desses espetáculos de 'brasserie' inesquecível. (RIO, 1908, p. 275). Pena que esta canção tenha sido gravada a nível nacional apenas em um recente LP não comercial. (JOSÉ, 1979)

A partir de 1902 começaram a se fazer gravações de discos no Rio de Janeiro. Gravar como intérprete ou compositor só era possível a quem residisse na capital. Migraram muitos para lá: de Macau saiu Nozinho (Carlos Vasques: Macau, 1887 - Rio de Janeiro, 1962), o primeiro potiguar a gravar (entre 1907 a 1917); entretanto, não compunha. Uriel Lourival, igualmente transplantado para o Rio de Janeiro, gravou no selo Odeon, em 1926, sua composição "A ceguinha", interpretada por Artur Castro. Depois, Sílvio Caldas lançou a valsa "Mimi" (1933), que teve inúmeros intérpretes. Em 1935 Uriel gravava "Céu Moreno", na voz de Orlando Silva, seguida de outros intérpretes e "Botão de Rosa", sucesso de Vicente Celestino (1937).

É apenas o que se pode registrar nos começos de 1900. O compositor Henrique Brito gravou um maior número de obras, interpretando ao violão, ou na voz de renomados cantores, como Francisco Alves, Carlos Galhardo, Gastão Formenti, Augusto Calheiros. Estas gravações, entretanto, já são da década seguinte.

Na década de 1930 continua a migração de valores artísticos que procuraram no Rio de Janeiro o campo favorável para a sua evolução. Conforme o limite cronológico estabelecido no início, esta fase não seria abordada.

Volta-se, então, para os antigos compositores, que pouco ou nunca editaram e que apenas fizeram copiar à mão suas composições. São esses os que se procurou valorizar na série de gravações intitulada COMPOSITORES

POTIGUARES. Em sua crônica “La menor e dó maior”, Luís da Câmara Cascudo lembra aqueles tempos:

Natal do meu tempo de rapaz era cidade dos pianistas. Pianista de ouvido. [...] Quase todos os rapazes tocavam piano de ouvido. Um piano em cada residência, quase. Constituíam a “música” dos bailes improvisados, os “assustados”, com água fria e cerveja quente. Inesquecíveis. (CASCUDO, 1959).

E recorda os nomes de seus companheiros: Teodorico Guilherme, Cussy de Almeida Junior e seus filhos Waldemar de Almeida e Clovis Cussy, Aluísio Moura, Olavo Gluck, João Cirineu de Vasconcelos, Carlos Augusto Caldas da Silva, Átila Garcia, Maurilo Lira e seu irmão Paulo. E ele mesmo, o Câmara Cascudo pianeiro. Acrescentem-se os nomes de Evangelina Barros, Carolina Wanderley, José Augusto Soares, Paulo Pereira Simões, Severo Dantas, Alexandre Brandão, José Sinésio Freire, Francisco Picado, Aluísio Moura, Leticia Galvão, Virgílio Carneiro, Antônio Paulino de Andrade, tantos outros.

As facilidades do momento atual seriam inimagináveis naqueles tempos de copistas à mão. O computador revolucionou o mundo da produção musical; pode-se ter hoje facilmente um estúdio doméstico de gravação de CDs e até mesmo produzir discos em média escala. Programas especiais escrevem as músicas que os compositores digitarem, tocando tudo o que se escreveu e possibilitando as necessárias correções, emitindo de imediato cópias de indiscutível perfeição. Tudo ajuda, tudo estimula.

Várias escolas de música na cidade oferecem cursos modernos, a facilidade de aquisição de instrumentos é bem maior, estúdios de variados portes oferecem serviços de edição e gravação, fábricas possibilitam CDs a baixo preço. Inúmeros locais onde se oferece música ao vivo estimulam a profissionalização e a multiplicação de valores individuais e grupos musicais.

Não se tem hoje, entretanto, o ambiente, o aconchego da reunião familiar, a parca iluminação das ruas, o romantismo dos amores à distância, inquietantes e inspiradores. Com o tempo muda a mentalidade e o comportamento. Novos estilos e muita influência estrangeira foram introduzidos pelo disco, pelo rádio, pelo cinema e, atualmente, pela televisão. Inconcebível para um jovem atual o modo de viver do século anterior.

As melodias antigas continuam a evocar velhas paisagens e ternas emoções. Seus criadores – os velhos compositores – puseram nelas o melhor de sua emoção. A nós o ensejo de homenageá-los com um simples toque de evocação.

REFERÊNCIAS

A REPÚBLICA, Natal, 26 jun. 1913.

A REPÚBLICA, Natal, 23 nov. 1921.

A REPÚBLICA, Natal, 13 set. 1925.

CASCUDO, Luis da Câmara. Lá menor e dó maior. **A República**, Natal, 24 mar. 1959, Acta Diurna.

_____. O poeta e a fidalga, de Segundo Wanderley. **A República**, Natal, 11 jun 1960. Acta Diurna.

COMPOSITORES Potiguares. Interpretação de Luiza Maria Dantas. Pesquisa documental de Cláudio Galvão. Natal: Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, 2002. v.1. 1 CD-ROM.

COMPOSITORES Potiguares. Interpretação de Luiza Maria Dantas. Pesquisa documental de Cláudio Galvão. Natal: Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, 2006. v.2. 1 CD-ROM.

DANTAS, Trajano Ribeiro. **Cancioneiro potiguar**. Natal: Tipografia do Instituto, 1912.

GALVÃO, Cláudio. **A modinha norte-rio-grandense**. Natal: EDUFRRN, Recife, 2000.

JOSÉ, Carlos. **Cantares brasileiros**: A Modinha. Rio de Janeiro: Cia. Internacional de Seguros, 1979. 1 LP.

LEI n.145, de 8 de agosto de 1900 – Autoriza o governador a premiar livros de ciência e literatura. In: RIO GRANDE DO NORTE. **Atos legislativos e decretos do governo do Rio Grande do Norte**. Natal: Tipografia de “O Século”, 1904, p.21

LIMA, Rossini Tavares de. **ABC do folclore brasileiro**. São Paulo: Ricordi, 1958.

RIO, João do. **Alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

SAMPAIO Galdino. Papary era o nome da atual cidade de Nísia Floresta. **A República**, Natal, 21 mar. 1891.

VASCONCELOS, Ary. **Panorama da música popular brasileira**. Rio de Janeiro: Martins, 1964, v.1

